

RIO DE JANEIRO E O CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL DE 1919: AMÉRICA DO SUL A CORRER ATRÁZ DE UMA BOLA

RIO DE JANEIRO Y EL CAMPEONATO SUDAMERICANO DE FUTBOL DE 1919:
AMERICA DEL SUR CORRE DETRÁS DE UNA BOLA

RIO DE JANEIRO AND THE 1919 SOUTH AMERICAN FOOTBALL CHAMPIONSHIP:
SOUTH AMERICA RUNS FOR A BALL

João M.C. Malaia Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Brasil

jmalai@gmail.com

Resumo: O presente artigo destina-se a analisar a primeira grande competição de futebol sediada no Brasil, o Campeonato Sul-Americano de 1919, que aconteceu no Rio de Janeiro. Os objetivos é problematizar as questões que envolveram a organização do torneio, da seleção brasileira de futebol, as tentativas de representação da equipe com elementos que identificassem os jogadores a valores nacionais através da grande imprensa carioca e paulista e o papel dos espectadores neste processo. Utilizando fontes impressas e metodologia da História Econômica, a intenção é colocar o leitor em contato com uma grande gama de elementos para o estudo das grandes competições esportivas internacionais.

Palavras chave: Campeonato Sul-Americano de 1919, Brasil, Rio de Janeiro, História Econômica

Resumen: El actual artículo pretende analizar la primera gran competición internacional del fútbol celebrada en Brasil, el Campeonato Sudamericano de Fútbol de 1919, que tuvo lugar en Río de Janeiro. El objetivo es discutir las cuestiones relativas a la organización de la competición, la selección brasileña de fútbol, los intentos de representación del equipo con elementos que identificaran a los jugadores con valores nacionales a través de la gran prensa carioca y paulista y el papel de los espectadores en este proceso. Usando las fuentes impresas y la metodología de la Historia Económica, la intención es poner al lector en contacto con una gran gama de elementos para el estudio de las grandes competiciones deportivas internacionales.

Palabras clave: Campeonato Sudamericano de Fútbol de 1919, Brasil, Río de Janeiro, Historia Económica

Abstract: The present article aims at analyzing the first great international football tournament hosted by Brazil, the 1919 South American Football Championship held in Rio de Janeiro. The objective is to discuss questions concerning the organization of the competition, the national football team, the attempts of the great press of Rio de Janeiro and Sao Paulo to represent the team with elements that could identify the players with national values and the role played by the spectators in this process. Using printed documents and the methodology of economic history, the intention is to put the reader in contact with a range of elements for the study of major international sport competitions.

Key words: 1919 South American Football Championship, Brazil, Rio de Janeiro, Economic History

PRESENTACIÓN

Vai começar o futebol, pois é,
Com muita garra e emoção
São onze de cá, onze de lá
E o bate-bola do meu coração
É a bola, é a bola, é a bola,
É a bola e o gol!
Numa jogada emocionante
O nosso time venceu por um a zero
E a torcida vibrou
Vamos lembrar
A velha história desse esporte
Começou na Inglaterra
E foi parar no Japão
Habilidade, tiro cruzado,
Metete a cabeça, toca de lado,
Não vale é pegar com a mão
E o mundo inteiro
Se encantou com esta arte
Equilíbrio e malícia
Sorte e azar também
Deslocamento em profundidade
Pontaria
Na hora da conclusão
Meio-de-campo organizou
E vem a zaga rebater
Bate, rebate, é de primeira
Ninguém quer tomar um gol
É coisa séria, é brincadeira

Bola vai e volta
Vem brilhando no ar
E se o juiz apita errado
É que a coisa fica feia
Coitada da sua mãe
Mesmo sendo uma santa
Cai na boca do povão
Pode ter até bolacha
Pontapé, empurrão
Só depois de uma ducha fria
É que se aperta a mão
Ou não!
Vai começar...
Aos quarenta do segundo tempo
O jogo ainda é zero a zero
Todo time quer ser campeão
Tá lá um corpo estendido no chão
São os minutos finais
Vai ter desconto
Mas, numa jogada genial
Aproveitando o lateral
Um cruzamento que veio de trás
Foi quando alguém chegou
Metete a bola na gaveta
E comemorou

Letra da música *Um a zero*, de Pixinguinha,
1919.

INTRODUCCIÓN

Foi dessa maneira que Pixinguinha, um ainda jovem, porém popular músico do Rio de Janeiro do período, descreveu e homenageou em tons heróicos e com singular precisão a conquista da seleção brasileira de futebol no Campeonato Sul-Americano de 1919, sediado em sua cidade. A música era um choro, um estilo musical brasileiro que se espalhava entre as camadas populares urbanas e fazia grande sucesso, inclusive nos meios da elite.

O Campeonato Sul-Americano de futebol de 1919 foi a primeira grande competição internacional esportiva sediada no Brasil com anuência da Confederação Sul-Americana de Futebol. Além do futebol, seleções sul-americanas disputaram um campeonato de *water polo* e de natação. O evento foi um dos grandes momentos em relação ao futebol como espetáculo para grandes multidões. Pixinguinha teve sensibilidade e destacou o jogo como emocionante “bate-bola do coração”, chamou o futebol de arte, que necessitava tanto do equilíbrio, da pontaria, da organização, quanto da malícia, do pontapé e do empurrão. Afirmou que era brincadeira, mas era coisa séria, sem esquecer que por ser um jogo, a sorte e o azar não podiam ser desprezados. Ilustrou a jogada do gol de maneira brilhante, sem ao menos dizer o nome do atacante que o fez. O juiz, que quando errava (e mesmo quando não errava) fazia com que a coitada da sua mãe caia na boca do povão, deu alguns minutos a mais de jogo, para que, “numa jogada emocionante”, “alguém” chegasse para meter “a bola na gaveta” e comemorasse o gol ao lado da torcida que vibrava.

Dois anos antes, este flautista e saxofonista, negro e então com 20 anos, já havia gravado um disco, pela gravadora Odeon, com o título “Grupo do Pixinguinha”, emplacando dois de seus maiores sucessos como compositor: “Sofres por que queres” e “Rosa”. Em 1918, ao lado do violonista Donga, outra importante figura da música popular brasileira, e mais seis músicos, formou a banda “Oito Batutas”. O grupo se apresentava no “hall” de entrada de um importante cinema do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco, principal via da cidade, o cinema “Palais”, de propriedade do empresário Isaac Frankel.

O sucesso da música “Um a Zero” foi de tal grandeza, que a banda viajou todo o Brasil em apresentações e, no início de 1922, fez uma excursão a Paris, financiada por outro empresário, este ligado, entre outras atividades, ao futebol, Arnaldo Guinle. Membro de uma das famílias mais poderosas do Rio de Janeiro, proprietária de concessões de meios de transporte, propriedades imobiliárias e tantos outros empreendimentos, Arnaldo era presidente do Fluminense Football Club, um dos maiores clubes do país, e já havia sido presidente da Confederação Brasileira de Desportos, a liga legitimada pelo governo para organizar e gerenciar o esporte nacional, entre 1916 e 1920.

No entanto, tal repercussão da música deveu-se obviamente, por méritos do compositor na feliz escolha do objeto que tratou. A letra captou com sensibilidade toda a esfera que envolveu aquela competição e o ápice da vitória emocionante, por um a zero, em jogo contra a seleção uruguaia, após o tempo regulamentar do segundo tempo da prorrogação, nos descontos dados pelo árbitro.

A vitória no futebol foi celebrada pela grande imprensa, pelo governo, pelos torcedores e, como vimos, por Pixinguinha. Foi como um catalisador para um processo de transformação do futebol em uma das atividades de lazer mais consumidas da cidade do Rio de Janeiro. A reverberação das conquistas e a possibilidade de uso político e econômico da seleção brasileira de futebol aumentaram a disputa pelo gerenciamento deste esporte, principalmente entre os dirigentes cariocas e paulistas, representantes das duas cidades que melhor representavam a pujança econômica do país.

Nossa intenção neste artigo é a de analisar a competição, sua organização, o envolvimento das autoridades públicas e empresários com o evento, a formação da seleção brasileira de futebol e suas representações através da grande imprensa. Além destes elementos, uma atenção especial será dada ao papel de um personagem que se tornava a chave-mestra deste quadro, o espectador dos estádios, singularmente chamado no Brasil de “torcedor”.

Para este trabalho, dividiremos o artigo em quatro partes. Na primeira delas, apresentaremos uma pequena discussão conceitual e metodológica que dará o suporte necessário para a análise das fontes apresentadas. Na sequência, analisaremos organização do torneio e das partidas, além da utilização da competição como uma atividade econômica rentável, passando pelos custos e o processo de construção do estádio que sediou o evento, os valores cobrados nas entradas para treinos e jogos, as rendas das partidas, as receitas e as despesas do campeonato. Na terceira parte, problematizaremos o processo de formação da seleção brasileira de futebol para a competição internacional, as disputas entre as duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, pelo controle da organização da seleção brasileira e a concentração da escolha dos atletas apenas entre os grandes clubes cariocas e paulistas. Além disso, trataremos das polêmicas envolvendo pagamento de dinheiro aos jogadores “amadores” por parte da CBD. Na última parte, faremos uma abordagem dos personagens principais de todo este cenário: o torcedor, a torcedora e a torcida do Brasil. O campeonato de 1919 foi palco para um desfile de crônicas representando estes peculiares atores e atrizes, protagonistas mesmo do futebol.

Os cuidados para “lembrar a velha história desse esporte...”

Passemos então aos cuidados para o trato do futebol como objeto e no manejo das fontes utilizadas com este intuito. Como trabalhamos neste artigo a possibilidade de associação da seleção brasileira de futebol como representante de todo o país e dos discursos estabelecidos com esse tipo de associação, um dos conceitos que servem de base para esta análise é o da própria “nação”. No caso da associação dos esportes, podemos perceber a seleção como um verdadeiro catalisador dos aspectos que fazem da nação o que Benedict Anderson chamou de “comunidade imaginada”. Quando alguns jornalistas, cronistas, intelectuais ou artistas tratavam um grupo de jogadores, em sua maioria oriundos de clubes da elite carioca e paulista, utilizavam termos como defensores do pátria, patrícios, ou mesmo heróis nacionais, estavam criando elementos para que indivíduos que nunca antes se encontraram se sentissem membros de uma mesma comunidade, ainda que imaginada (Anderson, 1993, p. 21).

A partir desse olhar, o confronto entre seleções nacionais em competições esportivas internacionais de grande porte e com ampla cobertura dos meios de comunicação torna-se oportunidade atraente para analisarmos os discursos construídos em torno das seleções nacionais. E no caso do Brasil, uma país de grande extensão territorial, de um sistema precário e caro de transportes, mas com periódicos de circulação nacional, a noção torna-se ainda mais oportuna. Boa parte do discurso que alimentava a “comunidade imaginada” provém do que se chamava na época de “crônica sportiva”, que reuniam nesse conceito, todos aqueles que publicavam notas, notícias, crônicas ou fotos sobre esporte. Além dos cronistas esportivos, ilustradores e outros autores que se dedicaram ao tema durante a competição também foram importantes. Esse tipo de fontes merece cuidados metodológicos específicos. Um deles é procurar entender o tipo de público pretendido por tais veículos (Booth, 2005, p. 90). A análise do conteúdo dos mesmos oferece algumas pistas interessantes, além do preço de capa dos jornais e revistas que podem dar uma ideia da relação do custo frente a outros itens.

No caso do material da grande imprensa trabalhado neste artigo, serão privilegiados um número pequeno, porém significativo, dos principais jornais e revistas das cidades do Rio de Janeiro e, eventualmente, São Paulo. A incidência maior de jornais e revistas do Rio de Janeiro deve-se ao fato de ser esta cidade e seus habitantes o foco da análise. O Rio de Janeiro, a capital do país, era a cidade mais populosa, com mais de um milhão de habitantes, centro das decisões políticas e das principais reformas urbanas do país, dona do principal parque industrial brasileiro, sede da maioria dos grandes jornais e de alguns dos maiores clubes esportivos e estádios do país, e da própria CBD.

As revistas que servirão para a análise eram as duas das maiores revistas cariocas *Careta*, *Fon-Fon*, além de outras duas revistas menores, porém com significativa cobertura do campeonato, *Vida Sportiva* e *Nossa Terra*, somadas à maior revista de São Paulo, *A Cigarra*. Devido à facilidade de manejo de tais documentos, do número grande de imagens e ilustrações e dos textos rápidos ou de crônicas, a tentação de tomar esses depoimentos como base da pesquisa torna-se muito grande. Porém, devemos estar atentos a este pormenor e, sempre que possível cruzar os dados oriundos de revistas com outras fontes documentais. Devemos recordar o aviso de Ana Luiza Martins (2008, p. 22), quando destaca que as revistas de grande circulação “veiculavam o que era rentável no momento, procurando ‘suprir a lacuna’ do mercado e atender a expectativas e interesses de grupos [...] na maioria das vezes, a serviço da reprodução do sistema”. A autora conclui que as revistas “expressavam o comprometimento apriorístico com aquilo que o leitor queria ler e ‘ouvir’”.

Desta análise, inferimos um outro aspecto importante para este estudo. Se o futebol, a seleção brasileira e seus torcedores receberam ampla cobertura por parte de cronistas, jornalistas, ilustradores, fotógrafos e, obviamente, da direção de algumas das principais revistas do Brasil, foi por que, naquele momento, aquele era o desejo dos leitores, atestando o sucesso da competição. Os jornais consultados para esta pesquisa representam alguns dos principais impressos diários do Rio de Janeiro, além de algumas referências ao maior jornal de São Paulo, *O Estado de São Paulo* e a um importante jornal dos subúrbios cariocas, a *Gazeta Suburbana*. Entre as publicações cariocas, analisamos os jornais *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *O Correio da Manhã*, *O Paiz* e *O Imparcial*, com um uso maior de notícias deste último devido à sua ampla e polêmica cobertura esportiva. Todos esses jornais eram considerados alguns dos principais representantes da grande imprensa carioca (Cf. Sodré, 1966).

Devido aos limites deste trabalho, o foco maior da pesquisa recai sobre as revistas devido a seu caráter variado, ilustrativo e com crônicas mais contundentes acerca do futebol. No caso das revistas, um dado se torna importante no seu manejo, que as diferencia dos jornais diários. As revistas aqui analisadas tinham circulação em muitos estados do país, e vendiam assinaturas até mesmo para fora do Brasil. Em suas páginas, ao lado do preço para o local aonde eram impressas, Rio de Janeiro ou São Paulo, havia o preço para os outros estados, além dos preços para assinaturas em todo o país e fora dele. Os jornais, no entanto, não serão descartados e nem devem ser minimizados em futuras investidas no tema.

Uma das premissas adotadas nesta pesquisa é a de que os leitores desses periódicos não são de forma alguma apenas receptores dos discursos criados pela imprensa esportiva. Estes espectadores especiais, que faziam dos cânticos, gritos, ofensas e gestos suas principais características eram também produtores de símbolos, imagens idealizadas para o bem ou para o mal, munição para os profissionais da imprensa construírem suas representações.

Devemos apresentar e dar sentido aos textos dos cronistas, ou as ilustrações dos chargistas, na tentativa de compreender como se dão “as apropriações particulares e inventivas dos leitores singulares (ou dos espectadores)” (Chartier, 2006, p. 36). Na tentativa de historicizar nossas fontes, acreditamos, assim como Tânia Regina de Luca, na necessidade de se estar atento “para os aspectos

que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes” (De Luca, 2005, p. 132). No entanto, para além da análise da circulação desses periódicos, de sua aparência física, da estruturação e divisão do conteúdo, de sua publicidade e das relações que manteve com o mercado (Idem, p. 138) acreditamos que uma análise do preço dos jornais e revistas pode dar uma idéia da popularização desses periódicos e dos públicos que visava atingir. Há, porém, um outro fator a ser levado em conta. Para que o leitor possa se apropriar de tais representações, ele deve primeiro possuir tais meios de comunicação, ter acesso às revistas e jornais, que são vendidos e tem um preço.

Tendo em mente que as novas técnicas de impressão e edição permitem o barateamento extremo da imprensa (Sevcenko, 2003, p.119), podemos trabalhar com os preços desses periódicos na tentativa de mostrar a possibilidade de consumo dos mesmos. Observando os preços com os cuidados típicos de um historiador, atento tanto para a necessidade de criticar a documentação utilizada, quanto o grande perigo do anacronismo (Cardoso e Brignoli, 1983, p. 32). Não nos utilizamos de nenhum tipo de conversão dos valores do período para valores atuais, preferindo contextualizar os preços, comparando-os ao que se cobrava em outros produtos do período, ou aos salários da classe trabalhadora. Dentro desta perspectiva, temos a possibilidade de entender o quanto representava a compra de um jornal ou de uma revista, evitando comparações anacrônicas.

As três principais revistas analisadas aqui tinham preços e propostas um tanto quanto diferenciadas, no entanto, a longa vida das mesmas atesta o sucesso destas publicações. Eram revistas auto-intituladas de “variedades” e traziam notícias e crônicas sobre os mais variados temas, como política, economia, seções femininas, além de ampla cobertura às atividades de lazer na cidade, com destaque para os esportes, principalmente o futebol. Tais publicações se utilizavam largamente de fotografias, que às vezes ocupavam páginas inteiras, além de charges e caricaturas, espaço muito utilizado para críticas sociais e políticas através do humor.

A mais barata delas era a revista *Careta*. Custava \$300, tinha tiragem semanal e circulação nacional e nas grandes cidades podia facilmente ser encontrada em “engraxates, barbeiros, consultórios, etc.” (Sodré, 1966, p. 346). Constituíam-se na revista mais popular do período. No editorial de sua edição de número 1.000, em agosto de 1927, colocava que seus mil números haviam desfilado “sem atritos, sem escandalos, sem farandolas, alegremente e fielmente, em paz com os homens e sem ódios de ninguém”. Atribuía tal feito ao fato de “ter ido ao encontro e não de encontro a esse fino senso commum”.¹

Outra publicação carioca, também de preço relativamente baixo era a revista semanal *Fon-Fon*, que custava \$400 e circulou de 1907 a 1945.

De maneira irônica, cômica ou lírica das crônicas, o Fon-Fon!, ao descrever a vida mundana carioca, as notas sociais, a euforia da Belle Époque no Rio, contribuiu para documentar esse período tão instigante da história do Brasil (Zanon, 2009, p. 229).

Segundo Nelson W. Sodré, *Fon-Fon!* e *Careta* disputavam a preferência do público da época, junto de outras revistas (1966, p.344).

A revista que tinha características mais parecidas em São Paulo era *A Cigarra*. Sensivelmente mais caro que suas concorrentes cariocas, custava \$600, mesmo preço cobrado em São Paulo pela *Fon-Fon!* e \$200 mais cara que a *Careta*, que fora do Rio de Janeiro era vendida a \$400. Mesmo assim, de tiragem quinzenal, foi a revista de maior circulação do estado e também com circulação nacional. A revista paulista contava com cerca de “400 agentes de venda avulsa no

¹ “O Número Mil”. *Careta*. Ano XX, n. 1.000, 20 de agosto de 1927, p. 15.

interior de S. Paulo e nos Estados do Norte e do Sul do Brasil”,² e chegou a ter edições com tiragens de 25 mil exemplares. Oferecia assinaturas anuais para todo o país e para o “extrangeiro”, além de ter uma sucursal em Buenos Aires e representantes para a venda nos Estados Unidos, França e Inglaterra.³ A revista, “sem ter um assunto ou temática principal e com estrutura flexível” (Matos, 2008, p. 10), publicava textos concisos, sem espaços para muitas polêmicas, sempre visando um aumento da publicidade e da tiragem de exemplares.

Os jornais tinham circulação diária e a maioria custava \$100, mais barato do que se pagava para andar de transporte público nos bondes e trens da cidade do Rio de Janeiro. As passagens dos bondes variavam entre \$200 e \$300 e nos trens suburbanos as passagens podiam custar de \$200 a \$1200, dependendo da distância percorrida.⁴

Mesmo com a diferença de preço entre os jornais e as revistas, a comparação com outros itens do período mostram que ambos poderiam ser consideradas relativamente baratos. No caso das revistas, a *Careta* custava o mesmo que uma xícara de café com leite, \$300. Um jornal custava o mesmo que um cafezinho, \$100.⁵ Para uma ideia ainda mais geral, alguns jornais da época publicavam listas com o preço de itens básicos de gêneros alimentícios, tais como um quilo de sal (\$220), um ovo (\$160), ou ainda o quilo de carnes como o peixe seco (tainha, \$900), a carne seca de porco (2\$000), a carne bovina seca superior (2\$100) e a carne bovina seca especial (2\$400).⁶ Segundo estudos de Maria Eulália L. Lobo, através de sua pesquisa sobre os salários nas indústrias do Rio de Janeiro do período, o salário médio dos operários da importante América Fabril, por exemplo, rondava os 200\$000 (Lobo, 1978, p. 675). e isso acaba dando uma ideia de quanto representava para um operário comprar um desses meios de comunicação e se manter informado através deles. Comprar um jornal, ou uma revista era mais barato que ir ao futebol, por exemplo. Um ingresso para o setor mais barato, as gerais (local em que os espectadores assistiam a partida em pé, ao nível do campo) nos jogos da primeira divisão dos campeonatos carioca e paulista custava \$500, preços que foram sensivelmente inflacionados para a competição internacional, como veremos adiante.

Uma vez que trabalhamos com revistas fartamente ilustradas, não poderíamos deixar de aproveitar as ricas imagens publicadas. O uso das charges e caricaturas se coloca como uma importante ferramenta no auxílio de reconstituição do evento de 1919. Segundo Nelson Werneck Sodré (1966, p. 346), a “arte da caricatura” havia salvado a maioria das revistas ilustradas do período, com “grandes nomes a praticá-la e a dar-lhe um sentido, um conteúdo e uma qualidade de execução, uma forma, insuperáveis”, destacando como auxiliaram, ao lado dos textos literários, na penetração social que as revistas tiveram.

No entanto, o uso das imagens não pode passar apenas por “ilustrar” o texto, nem por “carência documental”. O uso dessas imagens insere-se no “esforço para ampliar o universo de

² “Expediente d’A *Cigarra*”. *A Cigarra*, Ano IX, n. 181, 1 de Abril de 1922, p. 18.

³ “São evidentes as vantagens dos grandes anuncios n’A *Cigarra*”. *A Cigarra*, Anno I, n. 12, 29 de outubro de 1914, p. 2.

⁴ As informações sobre horários, linhas, duração das viagens e preços de passagens de bondes e trens foram obtidos nas edições do Almanak Laemmert entre 1885 e 1928, disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁵ Preços divulgados no *Correio da Manhã*, 1º de setembro de 1919, p. 3.

⁶ *Gazeta Suburbana*, 19 de abril de 1919, p. 3. A listagem de preços máximos cobrados nas cidades do país foi um decreto assinado pelo presidente Nilo Peçanha, de n. 13.193, de 13 de setembro de 1918, Artigo 1º, alínea I, letra H, que determinava a fixação de preços máximos para os gêneros alimentícios de primeira necessidade e do artigo 5º que investia tal tarefa a um comissário nomeado pelo poder executivo (BRASIL. Diário Oficial da União de 14 de setembro de 1918, p. 11.642).

documentação e análise do Historiador” (Silva, 1991/1992, p. 118). E achamos prudente não procurar entender as charges como possibilidade de maior acesso à informação e crítica por parte de boa parte da população analfabeta. Como alerta Marcos Silva:

caberia pensar sobre a Imprensa instituindo uma interpretação de imagens, voltada para determinados objetivos sociais e políticos, e discutir o visual como código estruturado, que exige interpretações de seus consumidores, analfabetos ou não. (Idem, p. 131)

A partir desse contexto, o humor típico das charges publicadas nessas revistas deve ser entendido, muitas vezes, como estratégia para criticar através do humor as representações do futebol. mesmo para poder fazer as críticas ao governo e mesmo à população, que na visão de muitos pensadores e ilustradores, dava demasiada atenção ao futebol. Em importante trabalho que capturou a sensibilidade e o humor presentes na grande imprensa carioca e paulista, Elias T. Saliba demonstrou que...

analisar a representação humorística da nacionalidade é explorar a enorme ambivalência da linguagem, em todas as suas formas, na construção de um discurso alternativo e de outras possíveis narrativas das nacionalidades. (Saliba, 2002, p. 31).

Propomos aqui um número pequeno de imagens sobre a competição de futebol que poder ser uma janela para investidas futuras sobre o tema, tantas foram as encontradas apenas durante o contexto das celebrações do campeonato de 1919.

Os cronistas, ilustradores e fotógrafos aqui abordados serviam como intermediários entre todos os brasileiros que gostavam de acompanhar a seleção brasileira e o que se passava dentro do estádio para os 30 mil espectadores presentes. Segundo Edgar Morin, o espectador, aquele que não pode estar presente no estádio “participa do espetáculo, mas sua participação é sempre pelo intermédio do corifeu, mediador, jornalista, locutor, fotógrafo, *cameraman*, vedete, herói imaginário” (Morin, 1969, p. 74).

Precavido com os cuidados metodológicos descritos acima e com o *corpus* conceitual sucintamente apresentado, a tarefa será de justapor as diversas representações da seleção brasileira durante o campeonato internacional de futebol de 1919 para a possibilidade de uma melhor compreensão da associação da seleção com aspectos de identidade dos brasileiros.

“É coisa séria, é brincadeira”: a infraestrutura para o campeonato

Nessas grandes horas em que as maduras nações européias fazem, alternando-as, a diplomacia do espírito e a diplomacia das armas, ninguém no Rio de Janeiro, escuta o sussurrar desse longínquo espírito [...] e ninguém ouve esse rumor de armas [...] porque no Rio de Janeiro [...] a América do Sul, a correr atrás de uma bola, faz a diplomacia do pé.⁷

Na década de 1910, o futebol, assim como os esportes de uma maneira geral, havia se tornado parte destacada da vida em algumas das grandes metrópoles sul-americanas, como Buenos Aires, Montevideú, Rio de Janeiro, São Paulo e Santiago. Nas duas maiores cidades brasileiras, a ampla cobertura de jornais e revistas, mostrava o quanto as atividades esportivas ocupavam parte do cotidiano de cariocas e paulistas. No caso do futebol, uma paixão intensa foi desenvolvida, tanto na prática, quanto no que conhecemos como na “torcida” deste esporte.⁸ No caso do Rio de Janeiro

⁷ “O Foot-ball”. *Careta*, Ano XII, n. 569, 17 de maio de 1919, p. 8.

⁸ Para um estudo mais detalhado sobre o termo “torcida”, Cf. Toledo (2010) e Santos (2010).

mais de cinco mil jogadores praticavam futebol em mais de 150 clubes de futebol espalhados pelas muitas ligas de futebol da cidade. Uma “febre sportiva” tomava conta da cidade do Rio de Janeiro (Sevcenko, 1998, p. 568). O futebol, em particular, se transformava em uma verdadeira paixão de homens e mulheres cariocas.

Foi durante a I Guerra, mas principalmente nos anos imediatamente posteriores ao conflito, que as seleções nacionais passavam a ser percebidas pelos governos de seus países como referências importantes para uma associação positiva de seus governos através do sucesso no esporte, primordialmente o futebol. Os eventos internacionais se intensificaram, geralmente com o apoio do governo. “As partidas internacionais [de futebol] foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais” (Hobsbawn, 1988, pp. 170-171).

A leitura de Hobsbawn, abordando o contexto europeu durante I Guerra e nos anos posteriores pode ser transportada para os embates ocorridos entre as seleções sul-americanas, com a institucionalização de campeonatos em datas regulares e chancelados pelos governos de seus países. Com o advento do conflito mundial, houve uma intensificação de jogos e competições entre países da América do Sul, notadamente a Argentina, o Brasil, o Chile e o Uruguai. Foi justamente durante o grande conflito europeu, no ano de 1916, que ocorreu o primeiro campeonato sul-americano de futebol.⁹

Em 1918, seria a vez de o Brasil ser a sede da competição. O presidente do Fluminense e da CBD, Arnaldo Guinle, através de sua influência no meio político, levou os jogos para dentro daquele clube. A visão empreendedora da diretoria, além de seu bom relacionamento com as camadas mais altas, facilitou a obtenção dos empréstimos e benefícios do Estado necessários para a grande obra. O Fluminense deveria reestruturar toda a sua sede para poder receber os campeonatos de futebol, natação e *water-polo* e, para isso, praticamente construiu um novo clube. As obras se iniciaram em maio de 1918, quando o clube “contraiu no Banco do Brasil, sob forma de desconto, com o endosso particular do presidente Arnaldo Guinle, obrigações que ultrapassaram a soma de 2.000 contos de réis [2.000:000\$000]” (Coelho Netto, 2002, p. 67). A compra de imóveis próximos ao seu estádio foi a principal despesa, tudo visando as reformas do clube e, principalmente, a ampliação daquele que seria o maior estádio do Brasil. Só a construção das arquibancadas ficaria em torno de 850:000\$000, mais do que o dobro do que pagavam geralmente os prêmios da “Grande e Extraordinária Loteria de São João”, organizada pela Companhia de Loterias Federais do Brasil, que pagava um prêmio de 400:000\$000.¹⁰

O campeonato não se realizou naquele ano devido à severa epidemia de gripe espanhola impossibilitou a realização do torneio. A *Influenza* foi terrível no mundo e em território brasileiro foi responsável por vitimar milhares de pessoas, inclusive o presidente eleito Rodrigues Alves. Após a epidemia, já em 1919, com o término das obras do estádio e ainda antes da inauguração oficial do mesmo, ocorrida na estréia da seleção brasileira na competição contra os chilenos, a CBD já começava a lucrar com o novo empreendimento e com a seleção.

Uma das únicas maneiras de se obter lucros no futebol naquele período era com a venda de entradas para os jogos. Assim que o estádio do Fluminense ficou pronto, com sua capacidade anunciada de 18 mil pagantes, a CBD marcou treinos entre jogadores os paulistas e cariocas da seleção e colocou entradas à venda. A Confederação precisava levantar verba para pagar aos jogadores as suas elevadíssimas “ajudas de custo” para o deslocamento de São Paulo ao Rio de

⁹ O *Jornal do Commercio*, nos dias 8 e 9 de março de 1916, dava a notícia da reunião afirmando que seriam “convidadas todas as associações sul-americanas filiadas à Federação Internacional de Foot-Ball”.

¹⁰ *Fon-Fon!*, Ano XII, n. 23, 7 de junho de 1919, p.59.

Janeiro, para a hospedagem dos mesmos e para o “táxi” dos jogadores, além do custeio das despesas de organização do próprio torneio.

O primeiro treino da seleção teve ingressos no valor dos cobrados no campeonato carioca: \$500 por uma entrada nas gerais, 1\$000 por uma arquibancada e 3\$000 por uma cadeira numerada. Ou seja, a CBD cobrava por um treino, o mesmo que a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), a principal liga de futebol carioca, cobrava pelos seus jogos da primeira divisão.

Com o sucesso de público no primeiro treino, os ingressos foram aumentados em 100%: as gerais aumentaram de \$500 para 1\$000 e as arquibancadas de 1\$000 para 2\$000, gerando uma renda de 3:600\$000 para a CBD.¹¹ O valor era maior do que o Sport Club Mangueira, pequeno clube suburbano da primeira divisão da LMDT, conseguiu arrecadar com a venda de ingressos nos sete jogos em seu estádio no campeonato carioca daquele ano, inclusive contra times de grande torcida, como o Club de Regatas Flamengo, o Botafogo Football Club, o America Football Club e o próprio Fluminense.¹²

A revista carioca *Vida Sportiva*, um periódico especializado em esportes à venda no Rio de Janeiro, percebeu que esse aumento no preço dos ingressos não era algo exclusivo do futebol, mas sim um movimento geral dos esportes como uma atividade que envolvia várias esferas da economia. O autor do artigo cobrava, inclusive, uma postura diferente dos jornais e revistas em sua relação com os esportes, vistos pelo autor como “negócio”:

- A Confederação aumentou o preço das entradas para os treinos dos combinados.
 - A Federação do Remo cobrou entrada para um match do campeonato, não o realizou e deixou de restituir as importâncias das mesmas.
 - Os clubs já começaram a elevar as jóias e mensalidades.
 - Alguns jogadores (até jogadores!) já não querem continuar a jogar pelo mesmo preço e reclamam melhorias de vencimentos.
- O sport assim, no fim desse negócio passa a ser negócio deixando de ser sport. E a imprensa, fica muda, continuando a fazer tudo de graça por esse sport?*¹³

Após reclamações como esta por parte da imprensa quanto ao valor do preço dos ingressos, a CBD resolveu diminuir em 50% as entradas de gerais e arquibancadas. O estádio recebeu sete mil pagantes, que geraram uma renda superior a “3 contos de réis”,¹⁴ ou seja, praticamente a mesma arrecadação.

O sucesso de público nos treinos foi o termômetro para a adoção de preços dos ingressos para os jogos do Sul-Americano. As entradas foram extremamente inflacionados em relação aos jogos do campeonato carioca. As cadeiras numeradas foram fixadas pela CBD a 10\$000, as arquibancadas a 5\$000 a arquibancada e as gerais a 3\$000, ingressos mais caros já cobrados em partidas de futebol no país até aquele momento.

Os ingressos foram vendidos nas maiores casas de artigos esportivos da cidade, a Casa Stamp, Viuva Henry, Casa Braga da Costa, Casa Oscar Machado, Casa Vieiras e Padaria Franceza.¹⁵ Pessoas pediam 50\$000 a 60\$000 por uma cadeira para a estréia do Brasil contra o

¹¹ *O Imparcial* 14 e 15 de abril de 1919.

¹² Relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, divulgada em *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1920, p. 5.

¹³ “Sport ou Negócio”. *Vida Sportiva*, n. 86, 19 de abril de 1919, p. 2.

¹⁴ *O Imparcial*, 30 de abril de 1919, p. 7.

¹⁵ *Gazeta de Notícias*, 13 de maio de 1919, p. 13.

Chile, fazendo o cronista de *O Imparcial* afirmar: “É uma seccura!”.¹⁶ Dois dias antes da final entre Brasil e Uruguai, todos os ingressos de arquibancadas haviam sido comprados e estavam sendo vendidos por cambistas ao dobro do preço, ou seja 10\$000.¹⁷

O campeonato foi uma verdadeira festa, e a competição de futebol superou todas as expectativas. Os registros de público do Campeonato Sul Americano são muito superiores aos 18 mil anunciados pelo Fluminense como capacidade do estádio. Segundo os periódicos da época, os jogos tinham mais de 30 mil pagantes.¹⁸ A receita total do campeonato, que teve um total de oito jogos, foi de 316:030\$500, uma arrecadação média de 39:503\$812 por partida, quase o mesmo que o Fluminense arrecadou em toda a temporada de 1919.¹⁹ O campeonato teve uma despesa total de 275:715\$350 e um lucro final de 40:315\$150. O futebol era negócio. E com um estádio de grandes proporções na cidade passava a ser um grande negócio. A afirmação do cronista de *A Gazeta de Notícias* nos mostra um pouco da sensação no país após a vitória do selecionado brasileiro: “O football está geralmente para o brasileiro como o pão de cada dia.”²⁰

“O nosso time”: a formação da seleção brasileira

*Somos, agora, antes de cariocas e paulistas, brasileiros, e, como brasileiros, vamos proceder.*²¹

Assim clamava o cronista do *Correio da Manhã* ao tratar da convocação da seleção brasileira para o Campeonato Sul Americano de 1919, quando ocorreram impasses entre paulistas e cariocas sobre a formação do selecionado, que travavam uma verdadeira guerra pela primazia da organização dos esportes nacionais. O Rio de Janeiro, a Capital Federal, assistia ao crescimento excepcional de São Paulo, e o futebol serviria como um dos muitos campos de embates para se provar qual das duas era a cidade mais importante do país.

Na virada do século XIX para o XX, São Paulo tornou-se a maior metrópole do Brasil. As estatísticas mostram que o crescimento populacional e industrial é mais acentuado em São Paulo, que vai lentamente ultrapassando o Rio de Janeiro. Os censos de 1907²² e 1920²³ podem dar uma idéia desse processo, apenas uma idéia, pois o censo compara a cidade do Rio de Janeiro com o estado de São Paulo. No entanto, é possível se chegar a algumas conclusões. Em 1907, a produção industrial do Rio de Janeiro representa 33,3% da produção brasileira, enquanto a de São Paulo ocupava o segundo lugar com 16,5%. Já em 1920, a produção paulista representa 31,5% do total nacional e o Rio cai para a segunda posição, com uma produção de 20,8%. No caso específico da comparação das duas cidades, podemos notar, também, a diferença se analisarmos o quadro do número de estabelecimentos industriais e de operários em cada um desses censos. Em 1907, o Rio tinha 662 estabelecimentos e 34.850 operários, enquanto São Paulo tinha 326 estabelecimentos e

¹⁶ *O Imparcial*, 11 de maio de 1919, p. 8.

¹⁷ *O Imparcial*, 23 de maio de 1919, p. 7.

¹⁸ Todos os periódicos consultados, *O Imparcial*, *O Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*, afirmam que se calculava a assistência em mais de 30 mil pessoas.

¹⁹ O valor arrecadado pelo Fluminense teria sido de 43:424\$000, segundo o relatório da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, divulgada em *O Imparcial*, 27 de janeiro de 1920, p. 7.

²⁰ *Gazeta de Notícias*, 4 de junho de 1919, p. 11.

²¹ *Correio da Manhã*, 1º de março de 1919, p. 9.

²² Brasil. Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Off. da Estatística, 1907-1908 e Brasil. Quadros estatísticos. Rio de Janeiro: Directoria de Estatística Econômica e Financeira do Tesouro Nacional, 1968.

²³ Brasil. Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

24.186 operários. Já em 1920, São Paulo supera e muito o Rio tanto em número de estabelecimentos, 4.145 contra 1.541, quanto em número de operários, 83.998 contra 56.229 (Carone, 1984, p. 77)

A população e as taxas de crescimento nas duas cidades são bons indicadores da pujança das duas metrópoles. Na cidade do Rio, por exemplo, em 1890, a população era de 515.559 habitantes, passando a mais de 800 mil em 1906, um crescimento de mais de 55% em 15 anos. Em 1920, a cidade contava com 1.147.599 de habitantes, um crescimento da ordem dos 40%. Em São Paulo, se a população era menor, a taxa de crescimento apresentada pela cidade impressionava. Sendo o segundo centro mais populoso do país, contava, em 1920, com pouco menos da metade da população carioca, 579.033 habitantes (Mortara, 1920, p. 47). Porém, os números apresentados por M. Inez Machado Borges Pinto mostram as como o crescimento populacional se dava de maneira ainda mais acelerada que na Capital Federal. Em 1890, a cidade de São Paulo tinha 64.934 habitantes. Dez anos depois, passou para 239.820 (um crescimento de 269%) e em 1920 atingiu 579.033 (um crescimento de 141%) (Pinto, 1994, p. 95). Paul Singer afirma que, ainda que seja difícil estabelecer um marco cronológico sobre o momento em que a capital paulista passa a ser a principal metrópole do país, “uma conclusão se impõe: São Paulo superou o Rio como grande centro industrial, entre 1920 e 1938” (Singer, 1963, p. 59). Dentro desse contexto, as duas cidades rivalizavam em torno da primazia nas questões nacionais acerca do esporte.

Como dito anteriormente, o Sul Americano deveria ter acontecido em 1918 e foi adiado por conta da tragédia ocasionada pela Gripe Espanhola. Antes do adiamento da competição, três jogadores paulistas, Friedenreich, Amílcar Barbury e Manuel Nunes (o Neco) foram convocados para os primeiros treinamentos com a seleção no Rio de Janeiro. Como uma “ajuda de custo”, os jogadores receberam da CBD 530\$000 cada, valor seis vezes maior que o salário de um operário do setor de fiação (85\$440) ou mais do que o dobro do maior salário de um operário do setor de acabamento da Fábrica Bangu, (225\$000 por mês), por exemplo (Lobo, 1978, p. 667). Tal ajuda de custo não se destinava a cobrir custos de deslocamento e hospedagens, pois tais itens eram pagos pela CBD, em um período que a própria entidade proibia a participação de atletas profissionais em suas seleções.

Como o campeonato e todas as competições esportivas e treinamentos foram cancelados, os jogadores paulistas não se deslocaram ao Rio de Janeiro. Porém, não devolveram o dinheiro recebido. O episódio servia para a imprensa esportiva carioca desfiar suas críticas aos jogadores paulistas. A revista *Vida Sportiva* publicou uma matéria afirmando que “o amadorismo em alguns estados do torrão brasileiro [era] simplesmente uma utopia, uma ficção”.²⁴

O presidente Arnaldo Guinle havia pedido afastamento da presidência da CBD para dedicar-se exclusivamente a seu clube e dar conta a tempo das obras de reforma no clube. O presidente em exercício da Confederação, o carioca Ariovisto Almeida Rego, convocou a assembléia das entidades estaduais filiadas para discutir a questão. O dirigente era também presidente da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, instituição com sede no Rio de Janeiro. Os três jogadores foram acusados pelo presidente em exercício de profissionalismo foi proposta a suspensão dos mesmos. Na assembléia, da qual a Associação Paulista de Sports Athleticos não participou, ficou decidida, por 13 votos a favor e uma abstenção (da LMDT), a suspensão dos atletas.²⁵ Os craques daquela cidade justificaram sua atitude perante a Associação Paulista de Sports Athleticos em cartas enviadas ao presidente da CBD e publicadas nos jornais do país. Na carta de Friedenreich pode-se ler

²⁴ *Vida Sportiva*, ano III, n. 73, 18 de janeiro de 1919, p. 5.

²⁵ *O Paiz*, 27 de janeiro de 1919, p. 11.

[...] como o campeonato não se realizou, mas recebi uma ordem para receber a quantia acima mencionada, não me sendo isso possível, porquanto empreguei o dinheiro no qual achei necessário. Esperando que tenha satisfeito o digno presidente, subscrevo-me [...] Arthur Friedenreich.²⁶

A APSA ficou do lado dos jogadores, não os suspendeu e rompeu suas relações com a CBD. O então maior jornal de São Paulo se colocou ao lado da APSA e, acreditando no maior valor dos jogadores paulistas, afirmava que quem perdia com a saída dos mesmos era a CBD e a LMDT, pois teriam a seleção muito mais fraca. *O Estado de São Paulo* afirmava “[...] A Associação eliminada! Irra! Que energia! [...]”,²⁷ mostrando não se importar com a eliminação da entidade que comandava o futebol paulista.

No Rio de Janeiro, diante do impasse com os paulistas e a iminente possibilidade da formação da seleção sem os jogadores de São Paulo, o jornal *O Imparcial*, durante as fases de discussão sobre a convocação de jogadores, publicava diariamente uma seção, provavelmente escrita pelo jornalista Raul Loureiro, fanático torcedor do America e que assinava em outras colunas esportivas como “Perigoso”. Nessa nova seção, com o título “Photografando”, eram apresentadas listas de possíveis jogadores selecionáveis e de suas principais características, em textos assinados por “Capa Negra”. Um dos jogadores apresentados como candidato à seleção era Heitor Pinheiro, goleador do São Christovão. O autor afirmava que o que Heitor mais gostava de fazer era marcar gols no goleiro do Fluminense e da seleção brasileira, Marcos Carneiro de Mendonça, um dos primeiros grandes ídolos do futebol brasileiro. Além disso, seu maior desejo era “fazer parte do campeonato sul-americano, mesmo na reserva, para não prejudicar os bolsos” além de ter como lema o “jogo pessoal”.²⁸ Dessa maneira, o autor ironizava a relação do jogador egoísta com a possibilidade de estar na seleção “ainda que na reserva”, apenas por dinheiro.

A entidade máxima do futebol nacional só convocava jogadores dos grandes clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ignorava no entanto bons jogadores, oriundos de outros estados ou das camadas populares das próprias capitais. Os clubes populares do Rio de Janeiro organizavam-se em várias ligas de futebol alternativas à carioca LMDT, como a principal liga dos subúrbios cariocas, a Liga Suburbana (LS). O jornal *O Imparcial* declarava em uma manchete da edição de março de 1919: “A Suburbana é no futuro campeonato o celeiro da Metropolitana”.²⁹

Inclusive, durante a questão com os jogadores paulistas, a Liga Suburbana enviou uma carta à CBD oferecendo o meio de campo Sebastião Pereira, o Villa, meio-de-campo do Engenho de Dentro Athletic Club, tri-campeão da LS.³⁰ Segundo a comunicação publicada nos jornais *O Imparcial* e *O Paiz*, a Liga Suburbana, convencida de possuir “o mais perfeito center-half do país” punha o jogador à disposição da CBD “para figurar no quadro representativo do Brasil”.³¹ Se não estava atenta aos melhores jogadores dentro da Capital, o que dirá de outros centros esportivos no Brasil, como Salvador e Porto Alegre. O *Correio da Manhã* chegou a divulgar que a Confederação havia convocado seis jogadores da Liga Mineira para o lugar dos jogadores paulistas, sem, no entanto,

²⁶ *O Imparcial*, 7 de fevereiro de 1919, p. 8.

²⁷ *O Estado de São Paulo*, 25 de janeiro de 1919, p. 7.

²⁸ *O Imparcial*, 6 de fevereiro de 1919, p. 7.

²⁹ *O Imparcial*, 22 de março de 1919, p.9.

³⁰ Este importante clube dos subúrbios foi a base da equipe do Vasco da Gama que, a partir de 1919, formou uma equipe de jogadores profissionais, mulatos e negros, muitos deles analfabetos, ganhando o campeonato carioca em 1923 influenciando decisivamente no processo de profissionalização dos jogadores de futebol que ocorreria 10 anos mais tarde. (Santos, 2010, pp. 221-252).

³¹ *O Imparcial*, 12 de abril de 1919, p. 7 e *O Paiz*, 17 de abril de 1919, p. 9.

fornecer os nomes dos mesmos, parecendo mais uma ameaça da entidade do que uma real possibilidade.³²

A paz interna do futebol brasileiro precisava ser alcançada e Coelho Netto, literato, fervoroso defensor do futebol, sócio e torcedor do Fluminense se incumbiu da “patriótica missão”³³ de pacificador do “*sport patrio*”.³⁴ Arnaldo Guinle foi pressionado por Coelho Netto e voltou a exercer o cargo de presidente da CBD, que havia sido ocupado por Ariovisto Rêgo durante sua ausência.

A volta de Guinle foi comemorada pela imprensa paulista, principalmente por Mario Cardim, do jornal *O Estado de São Paulo*, que já havia tentado em ocasiões anteriores criar uma liga nacional de futebol sob o comando dos paulistas, a Federação Brasileira de Football. Para o cronista de São Paulo,

*[...] parece que os horizontes sportivos estão agora desanuviados; o Dr. Arnaldo Guinle, presidente da Confederação voltou ao seu lugar e vae exercel-o [...] com patriotismo e isenção de ânimo. [...] Vemos não estar longe o dia em que, com o valiosíssimo auxílio de Coelho Netto, consiga ele o congraçamento.*³⁵

Em uma reunião especialmente convocada por Arnaldo Guinle na sede da CBD para a discussão do problema, Coelho Netto, designado como representante da APSA na reunião, tinha em mãos uma moção com a assinatura dos 23 integrantes da LMDT. Recheada de elementos do discurso nacionalista a carta tentava aparar as arestas entre os paulistas e a CBD. O autor da carta dirigida ao presidente da CBD não citou o dinheiro recebido pelos jogadores, nem propôs uma solução para o que se fazer com o dinheiro, mas foi vista como a “fórmula pacificadora nacional”.³⁶ Coelho Netto leu a carta durante a reunião em voz alta e afirmava para todos os presentes que

*uma diligência, facilmente sanavel, não deve prevalecer contra a causa que não é deste nem daquele grupo, senão da Pátria, qual é a da representação entre as Repúblicas Sul-americanas que concorrem ao campeonato internacional.*³⁷

A carta comoveu os membros da CBD e foi decretada a reintegração da APSA à entidade nacional. Os problemas foram suspensos momentaneamente, os jogadores paulistas foram para o Rio de Janeiro e se apresentaram à seleção. A causa da pátria que deveria prevalecer naquele momento, a representação entre as repúblicas sul-americanas se sobrepunha aos interesses particulares e a APSA voltou a fazer parte da CBD. Na convocação final para o torneio, os jogadores selecionados se distribuíram entre paulistas e cariocas, numa proporção semelhante, inclusive com a presença dos paulistas que geraram a polêmica. Foram escolhidos 9 jogadores do Rio de Janeiro e 12 de São Paulo. Os clubes que mais cederam atletas foram o Palestra Itália e o Santos, os dois do estado de São Paulo, juntamente com os clubes cariocas Flamengo e Fluminense.

Cada agremiação cedeu 3 atletas de seu clube para a conquista do primeiro campeonato Sul Americano da história do futebol brasileiro. A única convocação de um jogador que não representava um dos clubes considerados grandes, foi a de Martins do Club de Regatas São Christóvão, mas que não atuou em nenhuma partida. Esses foram os homens incubidos de defender a causa da pátria durante o Campeonato de 1919.

³² *Correio da Manhã*, 1 de março de 1919, p. 11.

³³ *Correio da Manhã*, 12 de março de 1919, p.11.

³⁴ *O Paiz*, 16 de março de 1919, p. 7.

³⁵ *O Estado de São Paulo*, 11 de março de 1919, p. 4.

³⁶ *Correio da Manhã*, 11 de março de 1919, p. 10.

³⁷ *O Paiz*, 16 de março de 1919, p. 6.

"e a torcida vibrou!": a conquista do sul-americano

A cobertura dada pela imprensa carioca ao evento foi algo inédito em relação a eventos esportivos no país e inúmeras vezes dos jornais cariocas. Durante a competição, o torneio foi capa desses importantes periódicos. O fato do futebol aparecer na capa dessas populares revistas mostra o potencial que o futebol começava a despertar, inclusive como temática para alavancar as vendas dos jornais e revistas.

Na revista *Careta*, o mote da capa da edição de 11 de maio foi político, com uma charge do ilustrador J. Carlos ironizando a situação do presidente em exercício, Delfim Moreira, e do presidente eleito, Epitácio Pessoa. Na ilustração, o presidente eleito torce o fraque de Delfim Moreira, pelas costas, durante uma partida da seleção brasileira, com o seguinte título: “A Torcida Oficial”,³⁸ chamando a atenção para possíveis atritos entre os políticos na transição, já que Epitácio passaria a presidente e Delfim voltaria ao cargo de vice-presidente.

Nessa mesma edição da *Careta*, a revista contou com um artigo sobre o futebol de uma página e meia, 13 caricaturas relacionadas a esse esporte, muitas delas das “torcedoras”, 26 fotografias sobre a competição, sendo 22 dos primeiros jogos do campeonato, Brasil x Chile e Argentina x Uruguai. As fotos do jogo de estréia do Brasil contra o Chile ocupam as duas páginas centrais da revista.

Na semana seguinte foi a vez da revista *Fon-Fon!* destacar em sua primeira página o torneio. O foco foi a própria disputa dentro de campo, com a publicação na capa de uma foto de um lance do jogo Brasil e Argentina com a legenda “Argentinos vs Brasileiros: phases do jogo de domingo”.³⁹

Já a revista paulista *A Cigarra*, deu destaque para as mulheres presentes nos estádios, fartamente ilustradas e comentadas nas revistas cariocas. Com caricatura assinada pelo importante ilustrador paulista Belmonte, a ilustração mostra o nervosismo com que constantemente eram retradas as mulheres presentes aos estádios, as torcedoras.⁴⁰

Cada vez era maior a presença da “torcida”, muito ligada ao elemento feminino, na maioria das vezes jovens, filhas de sócios dos grandes clubes. A “torcedora” era uma figura constante nos estádios de futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro. A palavra “torcida” estava disseminada nos estádios brasileiros. O público feminino chamava a atenção dos fotógrafos, cronistas e ilustradores ao torcerem seus vestidos, blusas e outras peças do vestuário eram torcidas durante os jogos. Em uma crônica humorística, publicada na *Careta*, o autor exagerava na descrição das “ardentes” das torcedoras:

[...] pharmaceuticos ganharam fortunas vendendo calmantes á antecipada exitação das torcedoras. Essas distintas senhoras e senhoritas que acompanham com febre a evolução dos jogadores, os movimentos dos pés, os saltos da bola – passaram delirantes horas de felicidade ansiosa e cruel. Houve damas que na furia e na angustia da torcida, quebraram as unhas que levaram meses a crescer, para poderem ser cortadas em ameaçadoras pontas triangulares, esfiaparam lenços e faixas que não custaram barato, dilaceraram vestidos que lhes ficavam muito bem,

³⁸ *Careta*, ano XII, n. 569, 17 de maio de 1919, capa.

³⁹ *Fon-Fon!*, ano XIII, n. 21, 24 de maio de 1919, capa.

⁴⁰ *A Cigarra*, ano VI, n. 116, 15 de julho de 1919, capa.

*arrancaram tacões batendo com os pés no chão, perderam luvas, extraviaram leques, retorceram músculos, desequilibraram os nervos para muito tempo e voltaram á casa levando olheiras de verdade por baixo das olheiras pintadas. [...]*⁴¹

Na continuação da crônica o autor pedia glórias ao *football* e honras aos *footballers*. Completava o artigo fazendo uma exaltação ao povo brasileiro e ao desenvolvimento dos esportes: “somos um povo jovem, e o prazer querido dos jovens é o sadio prazer que a natureza lhes inspira para facilitar o surto e o desenvolvimento da energia *physica*, base da saúde e escudo da energia moral”.⁴²

Na revista *Fon-Fon!*, após a vitória de seis a zero da seleção brasileira de futebol sobre os chilenos, o editorial da revista se dedicou a falar sobre a competição, que o autor Jack descrevia como organizada “à maneira, quasi, dos Jogos *Olympicos*”. O autor destacou que as pugnas esportivas, principalmente o futebol, geravam na platéia a mesma admiração que os gregos tinham por seus campeões lançadores de discos, ou mesmo frenesi com que os romanos aplaudiam os gladiadores no Coliseu. E completava seu artigo afirmando o interesse nacional da competição e que, na verdade, o que:

*cada sportman e cada espectador está a evocar não é este ou aquelle escudo remoto da associação sportiva a que pertence, mas sim o emblema nacional, aquelle que já tem ido no passado e irá pelo futuro aos campos de batalha em busca da Victoria [...]. É que, afinal, também no sport se revela em cada um de nós o amor à pátria.*⁴³

No mesmo tom, porém com ressalvas ao futebol, a de variedades com sede no *Revista Nossa Terra* publicou um artigo assinado por D’arcy com o título “A Eugenia da Nossa Raça Baseada nos Desportos”. O autor afirmava que urgia que o país tivesse um tipo que simbolizasse a “raça” brasileira. Inspirava-se em dois modelos para que o Brasil se buscasse nos desportos o seu aprimoramento. O primeiro deles, o da Grécia Antiga, pos segundo o autor

*A Hellade, preincesa de todas as artes, sacrario da sabedoria, a quem deve a heroicidade de seus filhos, senão aos desportos? Imitemos os gregos, que em imital-os vae grande nobreza e incentivemos os desportos, mas segundo um methodo de bases scientificas, capaz de desenvolver o corpo e não atrophial-o.*⁴⁴

O método científico apregoado era o desenvolvido pelo segundo modelo inspirador de D’arcy. Segundo o autor, como o Brasil era um país muito grande, o modelo contemporâneo a ser adotado seria o norte-americano:

*que apesar da vastidão de seu território e dos múltiplos reagentes, possuem um typo ethnico robusto, sadio, primavera de vida, graças ao aperfeiçoamento que lhe ministram os desportos, praticados com methodo.*⁴⁵

⁴¹ Careta, ano XII, n. 569, 17 de maio de 1919, pp. 8-9.

⁴² Idem.

⁴³ “Alle Guá!...”. Jack. *Fon-Fon*, ano XIII, n. 20, 17 de maio de 1919, p.19. A expressão “alle guá” era uma paródia ao termo, muito utilizado por jogadores e torcedores na comemoração das vitórias no futebol.

⁴⁴ “A Eugenia Da Nossa Raça Baseada Nos Desportos”. D’arcy. *Revista Nossa Terra*, ano I, n. 15, 7 de agosto de 1919, p. 07.

⁴⁵ Idem.

Talvez por adotar esse modelo norte-americano que não tinha o futebol como um dos esportes mais populares, segundo o autor, praticar apenas futebol desenvolveria apenas os membros inferiores em detrimento do resto do corpo. Mas concluiu seu artigo se rendendo ao posto que este esporte havia alcançado: “Porém, já que o football adquiriu tamanha popularidade [...] procuremos combiná-lo com outros desportos e dessa feita fazê-lo útil”.⁴⁶

O sucesso do campeonato foi enorme. As fotografias do estádio publicadas nas revistas citadas ao longo deste trabalho mostram que o estádio do Fluminense permaneceu praticamente lotado, e nos jogos do Brasil, até mesmo os morros em volta do campo foram ocupados pela população que não conseguiu comprar os caros ingressos. A revista *Careta* mostrou, através de uma foto publicada dias após o término do campeonato, com o título “Echos do Sul-Americano”, que não foi só o estádio do Fluminense e os morros em sua volta, os locais a ficarem lotados de espectadores. Como milhares de pessoas não conseguiram comprar ingressos para acompanhar os jogos, esses fanáticos torcedores dirigiram-se à Avenida Rio Branco, sede de inúmeros jornais cariocas, pois estes meios comunicaram que iam divulgar os lances e os gols da partida através de grandes placares instalados em frente às suas redações. Parte da avenida ficou completamente tomada pelos torcedores que queriam “acompanhar o placard” do jogo, e a via teve seu trânsito interrompido.⁴⁷

O campeonato terminou de maneira tensa. Brasil e Uruguai disputavam a final do torneio. A seleção uruguaia então bi-campeã sul-americana, campeão em 1916 e 1917, contava com um excelente goleador, Gradin, um jogador negro que despertava a simpatia até mesmo de torcedores negros brasileiros. De acordo com o jornal *O Imparcial*, Gradin, já no Rio de Janeiro e antes do início da competição, dava um passeio pela cidade ao lado de um dirigente carioca da LMDT, Nilo Bittencourt. Ao passarem à porta do banco Lloyd, teria sido saudado “por três marinheiros nacionais, colegas de côr, que batendo palmas exclamaram: -Ahi, batuta!... Mostra ao branco que o pé de preto é branco!”.⁴⁸ A nota mostra a indignação dos marinheiros brasileiros, com a não inclusão de jogadores negros na seleção brasileira. Vale lembrar que em 1910, a marinha brasileira havia enfrentado forte rebelião organizada por parte de marinheiros negros, contrários aos castigos físicos ainda impostos a eles, na chamada Revolta da Chibata.

Na seleção brasileira, apenas Friedenreich era mulato. Este era também um dos astros da seleção brasileira, pivô das polêmicas envolvendo o pagamento dos jogadores descrita anteriormente e principal esperança de gols da torcida brasileira. No entanto, após marcar três gols na partida de estréia contra o Chile, o atacante estava há três jogos sem marcar.

A final terminou empatada em dois a dois e um jogo-extra foi marcado. Como narra Pixinguinha em sua música, após o zero a zero durante a partida, Friedenreich, quando o árbitro dava alguns minutos a mais, marcou o gol da vitória brasileira.

O ilustrador Seth, da *Fon-Fon!*, não perdeu tempo para ironizar o fanatismo dos torcedores e sua devoção a Friedenreich. Em um desenho com que representa várias pernas em formato de vela, uma mensagem “Aos ‘torcedores’: Pés de cera de Friedenreich excelente nos processos para conseguir victorias no football”.⁴⁹

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ “Echos do Sul-Americano”. *Careta*, ano XII, n. 572, 7 de junho de 1919, p. 21.

⁴⁸ “Uma Manifestação a Gradin”. *O Imparcial*, 4 de maio de 1919, p. 9.

⁴⁹ *Fon-Fon!*, ano XIII, n. 22, 7 de junho de 1919, p. 37.

Na revista *Vida Sportiva*, os dois números subsequentes à vitória da seleção trazem inúmeras fotos da torcida no estádio do Fluminense. Em uma delas, aparece um bonde lotado⁵⁰ da Companhia Jardim Botânico, responsável por ligar o Centro à Zona Sul da cidade, aonde ficava o estádio.

A revista paulista *A Cigarra*, a despeito de afirmar que a seleção não tinha os melhores jogadores do país, por conta dos caprichos da CBD, colocava que o campeonato havia sido um sucesso para os brasileiros e parabenizava “nosso patrícios, que tão brilhantemente se houveram na disputa do Campeonato Sul-Americano, elevando o nome do *sport* nacional”.⁵¹

A seleção, o futebol, o vínculo e o fanatismo dos torcedores, tudo isso fez com que a prática deste esporte passasse a ter um envolvimento ainda maior com a sociedade. Os “Echos do Sul-Americano” reverberaram por muito tempo.

“Vai ter desconto”: algumas considerações finais

Parafraseando a passagem da composição de Pixinguinha, como de resto se fez em todos os títulos dos subitens deste trabalho, a expressão “vai ter desconto” é uma alusão aos minutos finais da partida dados pelo árbitro, após o tempo regulamentar ter se encerrado. Nestas considerações finais devemos pensar em como refletir sobre alguns dos legados desta competição, mostrando alguns poucos terrenos férteis em análise ainda não explorados.

O Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919, foi um dos marcos na história das competições internacionais esportivas no Brasil. A partir dele, o futebol e as competições internacionais passaram a ser parte cada vez maior na agenda de políticos, nas páginas dos periódicos e no cotidiano dos torcedores brasileiros.

Se o futebol passou a ter um envolvimento ainda maior com a sociedade brasileira, também seria natural que passasse a congregar um número de opositores mais proeminente. A partir da competição de 1919, uma verdadeira guerra passou a ser travada tanto no governo, quanto na imprensa, travada em defesa ou no ataque ao futebol. Na esfera política, ao mesmo tempo que o recém-eleito presidente Epitácio Pessoa começava a planejar um campeonato sul-americano poli-esportivo, nos moldes das Olimpíadas, para incluí-lo no rol de atividades em celebração ao Centenário da Independência do país, a ser organizado em 1922.

Na imprensa os discursos passaram a ser proferidos contra o futebol de uma maneira geral, inclusive com a fundação de uma Liga Contra o Football, da qual fazia parte Lima Barreto, importante escritor brasileiro. No entanto, tal popularização deste esporte e sua imbricação com a economia, a política e a sociedade brasileira passou a ser de tal ordem que um longo caminho foi percorrido até que o país passasse a ser ponto de referência dos esportes mundiais. Como foi em 1950, na Copa do Mundo de Futebol, sediada no país por conta da incapacidade dos europeus em fazê-lo devido às tragédias da Segunda Guerra Mundial. Ou como vai ser num futuro recente, ao sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

A história desse longo percurso ainda está por ser escrita e este trabalho pretende ser, tanto uma apresentação inicial deste caminho, como uma possibilidade para novas investidas na reconstituição e problematização dessa história.

⁵⁰ *Vida Sportiva*, ano III, n. 92, 31 de maio de 1919, p. 3.

⁵¹ “Foot-ball: Campeonato Sul-Americano”. *A Cigarra*, ano VI, n. 113, 1 de junho de 1919, p. 31.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict.: Comunidades Imaginadas. reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo - México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BOOTH, Douglas.: The Field: truth and fiction in sport history.- Abingdon (Reino Unido): Routledge, 2005.
- CARDOSO, Ciro F. e BRIGNOLI, Hector P.: Os Métodos da História.- Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- CARONE, Edgar.: Movimento Operário no Brasil (1877 – 1944).- São Paulo: Editora Difel, 1984.
- CHARTIER, Roger.: A História Cultural. Entre práticas e representações.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COELHO NETTO, Paulo.: História do Fluminense (1902-2002).- Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.
- DE LUCA, Tânia Regina.: História por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla B. (org.) Fontes Históricas.- São Paulo: Contexto, 2005,- pp. 111-153.
- HOBBSBAWN, Eric.: Nações e nacionalismos desde 1780.- São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer.: História do Rio de Janeiro. Do Capital Comercial ao Capital Financeiro.- Rio de Janeiro: IBMEC, 1978, Vol. 2.
- MARTINS, Ana Luiza.: Revistas em Revista. Imprensa e Práticas em Tempos de República, São Paulo, 1890-1922.- São Paulo: Edusp, 2008.
- MORIN, Edgar. A cultura de massas no século XX. O espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- MORTARA, Giorgio. Um Enigma Resolvido. A População do Brasil. Em Estudos Brasileiros de Demografia, 1947, n. 7, Rio de Janeiro, pp. 72-73.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges.: Cotidiano e Sobrevivência. A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- SALIBA, Elias Thomé. Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira, da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.- São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro(1915 – 1934). Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós Graduação em História Econômica – DH/FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau.: Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.- São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Marcos A. da: A construção do saber histórico: historiadores e imagens. Em Revista de História, 1991/1992, n. 125-126, São Paulo, pp. 117-134.
- SINGER, Paul.: Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana.- São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.
- SODRÉ, Nelson Werneck.: História da Imprensa no Brasil.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- TOLEDO, Luiz Henrique de: Torcer. A metafísica do homem comum. Em Revista de História, 2010, n. 163, São Paulo, pp. 175-189.